

O Método Socrático

Filosofia RAD1607 – 2015 – Prof. Calia

1. O que é o Método Socrático e como é utilizado nas organizações

Nas primeiras semanas do teu primeiro estágio e nos primeiros dias do teu primeiro emprego, é bem provável que você presencie uma das facetas nada agradável da vida profissional nas organizações: conflitos.

Existem conflitos entre empresas e sindicatos, entre empresas e governos, entre empresas e ONGs e entre diferentes empresas entre si. Além destes conflitos externos, também são abundantes os conflitos entre diferentes subsidiárias da mesma empresa (com exceção das subsidiárias do Brasil e Argentina que quase nunca discordam...), entre diferentes divisões e unidades de negócio, entre diferentes departamentos, além dos “clássicos” conflitos entre marketing e produção, vendas e marketing, produção e finanças, gestão de pessoas e produção, entre outros. Infelizmente os conflitos não se resumem aos conflitos externos e aos conflitos entre grupos: não é raro que ocorram conflitos entre diferentes profissionais dentro da organização (e entre os estagiários e funcionários também...), como, por exemplo, conflitos entre chefe e subordinado e conflitos entre colegas com o mesmo nível hierárquico.

A boa notícia, um tanto óbvia, é que se você for reconhecido como um profissional muito capaz de resolver conflitos, provavelmente você terá um diferencial bastante valorizados pelas empresas.

Segundo o especialista Rudi Ballreich, o método socrático é uma poderosa ferramenta para nos ajudar a desenvolver esta competência de resolução de conflitos ao nos auxiliar a discernir em que medida os conflitos são realmente necessários ou se são meros subprodutos de pensamentos e modelos mentais capengas, caricaturados por percepções não representativas, opiniões enviesadas e raciocínios corroídos por pressupostos desconectados dos fatos.

Uma vez que o ambiente organizacional é salubrizado pelas competências de resolução de conflitos, o mesmo método socrático também nos abre espaço para desenvolvermos

uma outra competência: a competência de conduzir diálogos para ajudarmos a empresa a construir modelos de negócio mais lógicos, mais coerentes com a realidade do mercado e mais alinhados com os valores dos acionistas, executivos e grupos de interesse (*stakeholders*) que querem determinar e influenciar os rumos da empresa.

Rudi Ballreich é um consultor de empresas na Europa como Siemens, Bosch, Porsche e Daimler. Ele é especializado em gestão de processos de mudança, mediação de conflitos e diálogo nas organizações. Em seu artigo “Pioneers of Dialogue” (“Pioneiros do Diálogo”), ele descreve as contribuições de pensadores como Sócrates, Martin Buber e David Bohm e como estas contribuições favorecem o trabalho na gestão das organizações contemporâneas.

A seguir trechos do artigo de Rudi Ballreich sobre as contribuições de Sócrates (tradução adaptada de Rogério Calia):

Sócrates viveu em Atenas num tempo em que a democracia estava se desenvolvendo e os cidadãos estavam ansiosos para aprender a falar em público a fim de poderem influenciar melhor a administração da cidade.

Sócrates estava convencido de que a responsabilidade pela comunidade deveria ser assumida apenas pelas pessoas que conseguissem pensar de modo robusto e independente e cujos pensamentos e ações fossem originados de uma consciência avançada.

Ele também não se intimidava de engajar vários tipos de profissionais nas suas discussões: políticos, gerais, sacerdotes, poetas e comerciantes estimados. Nestas discussões, Sócrates checava se o conhecimento deles era fingimento ou se era realmente deles próprios.

Durante os debates, com frequência ficava evidente que o seu parceiro de discussão não compreendia suas próprias afirmações. O general, por exemplo, não conseguia explicar o que é a coragem e o sacerdote não conseguia explicar o que é a fé.

Sócrates fazia perguntas e questionava os conhecimentos aceitos. A sua principal pergunta era: “O que é...?”

Por exemplo, “O que é coragem?”. Os seus parceiros nas discussões inicialmente respondiam esta pergunta a partir de um nível básico com exemplos de coragem que

eles acreditavam que eram verdadeiros: “Coragem é quando alguém destemidamente permanece na linha de batalha e não foge do inimigo!”

Sócrates facilmente rebatia com outros exemplos que provavam o oposto e, deste modo, mostravam que crenças que não foram objeto de reflexões, baseadas apenas no senso comum proporcionavam apenas – pseudo-conhecimento.

E ele repetia sua pergunta “O que é...”

Agora o seu parceiro de discussão procurava uma resposta no próximo nível: dentro das próprias pessoas, nas atitudes delas.

- “Coragem é uma certa persistência mental!”

Mas esta resposta também não conseguia suportar as perguntas de Sócrates, porque persistência unida à estupidez não pode ser chamada de coragem.

O seu parceiro no diálogo não tinha pensado sobre a conexão entre persistência e coragem, mas apenas falou em voz alta o que ele acreditava ser sua própria opinião.

Enquanto o pensamento for baseado em crenças subjetivas e não for objeto de reflexão, ele é dependente de mudanças de emoções e opiniões que forem aceitas imitando os pais ou a tradição.

Agora os parceiros de diálogo percebiam que era necessário utilizar o pensamento racional e eles começavam desta vez em um terceiro nível a definir coragem de um modo conceitual.

Mas Sócrates questionava estas definições também, porque os pensadores não notaram ou pensaram sobre os pressupostos subjacentes ao processo de pensamento deles.

Uma consequência do questionamento incansável de Sócrates era que repetidamente a auto-satisfação e pseudo-sabedoria dos seus parceiros de diálogo eram desmanteladas.

Por meio disto, eles vivenciavam um estado de ignorância e a partir deste estado surgiam perguntas honestas.

Eles despertavam nas suas consciências e se moviam de um nível de percepção, para opiniões e, finalmente, para o pensamento racional.

O quarto nível estava incorporado no próprio Sócrates: o raciocínio questionador e realizador de testes, o qual examina todos os conteúdos e processos da consciência por meio do diálogo.

E Sócrates estava ciente do quinto nível, o qual estava presente nele: a luz da consciência e da deliberação com a qual ele iluminava os processos do entendimento e da ignorância por meio do diálogo.

Sócrates queria ensinar os atenienses a subir por todos os cinco passos de modo que eles fossem capazes de “fazer bem” em todas as situações, por meio da deliberação e por meio da própria compreensão.

O diálogo é a arena de aprendizagem na qual os parceiros de conversa podem chacoalhar uns ao outros para subirem a níveis mais elevados do despertar da luz da consciência e deliberação.

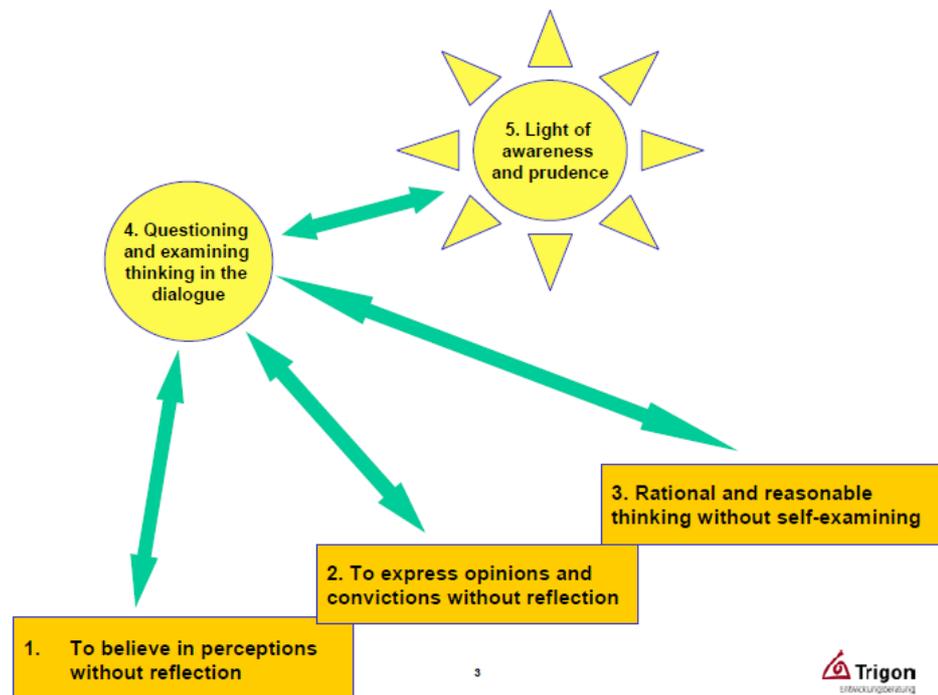


Abb. 2: The steps of advancement in consciousness

Rudi Ballreich conclui a sua análise sobre Sócrates, indicando de que modo o método socrático pode ajudar na administração de organizações:

A prática de questionar para gerar consciência, como Sócrates a iniciou, pode proporcionar estímulo valioso no trabalho em disputas e conflitos. Isso porque, afinal, a mediação consiste de “examinar” pontos de vista, opiniões e convicções e “acordar” a pessoa para se livrar de crenças, pensamentos, sentimentos e vontades fixas.

Quanto mais conseguimos despertar a “luz da consciência e deliberação”, tanto melhor as partes envolvidas na disputa serão capazes de encontrar uma solução compartilhada.

2. Diálogos Socráticos sobre a Coragem (“Laques” de Platão)

Obviamente, foi Sócrates quem desenvolveu o método socrático, no entanto, a tradição filosófica relata que Sócrates não deixou livros nem artigos escritos por ele mesmo. Quem assumiu a tarefa de registrar os diálogos de Sócrates foram os seus alunos, sobretudo o seu aluno Platão.

A seguir, leremos trechos de um dos Diálogos Socráticos escrito por Platão, o Diálogo intitulado “Laques” (o nome de um general grego), para ilustrarmos duas das cinco competências de raciocínio crítico esquematizadas por Rudi Ballreich em sua análise sobre o método socrático: a competência de identificar percepções não representativas e a competência de identificar opiniões não coerentes com os fatos relevantes.

No diálogo socrático “Laques” de Platão, dois cidadãos que foram filhos de famosos estadistas atenienses estavam em grande dúvida sobre o melhor modo para educar os seus filhos na profissão de guerreiros. Para definir o melhor modelo de educação, eles procuraram o aconselhamento de dois generais, sendo que um destes, Laques, insistiu para que também pedissem ajuda a Sócrates para descobrirem o melhor meio para educar os futuros guerreiros.

Sócrates considera que o propósito da formação profissional de um guerreiro seja a formação da virtude da coragem. Na concepção da Grécia Clássica, virtude é a excelência (em grego, virtude ou excelência é denominada *aretê*). Por isso, uma vez que se compreenda no que consiste a virtude da coragem, seria mais fácil, por decorrência, identificar como educar os jovens nesta importante dimensão da excelência profissional dos guerreiros.

A seguir, trechos do diálogo socrático “Laques” de Platão (tradução de Rogério Calia a partir das versões em inglês, alemão e espanhol, as quais são traduções do texto original em grego):

SÓCRATES: Então, Laques, suponha que nós primeiramente determinemos a natureza da coragem, e, em segundo lugar, procedamos para nos perguntar como os jovens homens devem adquirir esta qualidade com a ajuda dos estudos e exercícios. Diga-me, se você puder, o que é a coragem.

LAQUES: Por Zeus, Sócrates, não é difícil responder: um homem de coragem é aquele que não foge, mas que permanece em seu posto e luta contra o inimigo; não há dúvida sobre isso.

SÓCRATES: Muito bom, Laques; mas temo que eu não me expressei com clareza; e, por isso, você não respondeu a pergunta que eu gostaria de fazer, mas respondeu a uma outra.

LAQUES: O que você quer dizer Sócrates?

SÓCRATES: Vou tentar explicar; você chamaria um homem de corajoso aquele que se mantém em seu posto e luta contra o inimigo?

LAQUES: Claro que sim.

SÓCRATES: Então, Laques, você tem que excluir os Lacedemônios (Espartanos) em Platéia, que quando eles chegaram próximos dos guerreiros persas enfileirados com escudos, eles não quiseram permanecer parados em seus postos para lutar e fugiram, mas quando as fileiras dos persas foram desfeitas, eles deram a volta e atacaram como se fossem uma cavalaria e venceram a batalha de Platéia.

LAQUES: É verdade

SÓCRATES: Era isto que eu estava querendo dizer quando eu reclamei que a minha pergunta foi mal colocada e que, por isso, você deu uma resposta ruim. Porque eu queria te perguntar não só sobre a coragem dos soldados pesadamente armados, mas também sobre a coragem da cavalaria e de todos os outros estilos de soldados, e não apenas os que são corajosos na guerra, mas também os que são corajosos diante dos perigos no mar e quem é corajoso durante uma doença, na pobreza ou, então, na política; e não apenas corajoso diante da dor e do medo, mas existem também os que conseguem lutar ferozmente contra desejos e prazeres, tanto quando permanecem em seus postos, quanto quando atacam seus inimigos. Existem estes tipos de coragem, não é mesmo Laques?

LAQUES: Certamente, Sócrates.

SÓCRATES: E agora, Laques, você poderia tentar me dizer novamente, qual é essa qualidade comum que é chamada de coragem e que inclui todos os vários usos deste termo quando utilizado tanto para o prazer como para a dor e em todos os demais casos que eu citei agora?

LAQUES: Eu diria que a coragem é um tipo de persistência mental, é isso que eu diria para expressar a natureza universal presente em todos estes casos.

SÓCRATES: Mas isso é o que temos que fazer para responder à pergunta. No entanto, eu não posso dizer que todo o tipo de persistência possa ser considerado coragem em minha opinião. Ouça o meu motivo: tenho certeza, Laques, que você consideraria a coragem como uma qualidade muito nobre.

LAQUES: A mais nobre, certamente.

SÓCRATES: E você diria que uma persistência sábia também é boa e nobre?

LAQUES: Muito nobre.

SÓCRATES: E o que você diria de uma persistência tola? Não teria que ser considerada, por outro lado, como ruim e prejudicial?

LAQUES: Verdade.

SÓCRATES: E existe alguma coisa nobre que seja ruim e prejudicial?

LAQUES: Eu não diria isto, Sócrates.

SÓCRATES: Então você não admitiria que um tipo de persistência não nobre seja considerada coragem, já que a coragem é nobre?

LAQUES: Você está certo.

SÓCRATES: Porque, de acordo com você, apenas a persistência sábia é coragem.

LAQUES: Verdade.

SÓCRATES: Novamente, pense no caso de alguém que é persistente na guerra e está disposto a lutar e sabiamente calcula e sabe que outros virão para ajuda-lo e que haverá homens em menor quantidade e de pior qualidade contra ele do que os homens que lutarão com ele e imagina que ele também conta com vantagens de posição, você diria que quem é mais corajoso: o homem que tem persistência com toda esta

sabedoria e preparação ou algum homem do exército oponente e nas circunstâncias opostas que mesmo assim tem persistência e se mantém em seu posto?

LAQUES: Eu diria que este último é mais corajoso, Sócrates.

SÓCRATES: Mas, certamente, esta é uma persistência tola em comparação com a outra?

LAQUES: Isso é verdade.

Estes trechos ilustram bem os dois primeiros níveis do método socrático segundo o esquema de Rudi Ballreich.

Na primeira tentativa de definir o que é a competência da coragem, o general Laques se limita a percepções não representativas: segundo ele, a percepção de um guerreiro que se mantém em seu posto de batalha sem fugir. Para demonstrar que este exemplo específico não é representativo, Sócrates simplesmente retrata um exemplo contrário: o caso dos espartanos que não permaneceram em seus postos, chegaram a fugir e depois retornaram em venceram a batalha em movimento e não parados em seus postos.

Na segunda tentativa, Laques busca expressar uma opinião sobre a natureza da coragem que abarque vários diferentes exemplos e situações: guerra, mar, pobreza, doença e luta contra os desejos. Para ele, em todos estes contextos, a coragem é a persistência mental. No entanto, Sócrates demonstra que a persistência mental pode ocorrer em situações bem pouco inteligentes, o que seria incongruente com o conceito de excelência, competência e virtude em geral, assim como com a competência e virtude específica representada pela coragem.

REFERÊNCIA

Ballreich, R. (2006): Pioneers of Dialogue.
http://trigon.at/en/mediathek/downloads/07_konfliktmanagement/Pioneers_of_dialogue.pdf